

PRESS RELEASE

A recuperação global continua em 2022, mas tem um caminho acidentado pela frente - Barómetro Coface Q4 2021

Lisboa, 24 de fevereiro de 2022 - Dois anos após o início da pandemia, a economia global continua a recuperar, mas ainda enfrenta desafios significativos. Após a pausa no 3º trimestre de 2021, a Ómicron evidenciou a imprevisibilidade da pandemia e exacerbou um dos principais fatores que afetam a recuperação: as ruturas nas cadeias de abastecimento. O outro grande risco é a derrapagem da inflação.

Neste ambiente extremamente incerto, a Coface fez poucas alterações nas suas avaliações de risco, na sequência das ondas de atualizações nos trimestres anteriores. No total, quatro avaliações de risco país foram melhoradas, incluindo a Dinamarca, e duas foram revistas em baixa. Em termos de riscos sectoriais, a Coface melhorou doze avaliações, nomeadamente nas indústrias do papel e da madeira, onde os preços se mantêm dinâmicos, e fez cinco reduções, principalmente no sector energético na Europa.

Onda após onda: a economia continua a abrandar, mas em menor medida

A situação sanitária exigiu, uma vez mais, a implementação de restrições em muitos países. No entanto, embora alguns países europeus tenham implementado medidas de encerramento parcial, as medidas foram, na generalidade, muito menos drásticas do que as anteriores. Os efeitos económicos diretos foram, portanto, menos significativos, mesmo que as consequências continuem a ser negativas para sectores como os transportes aéreos, o turismo, os hotéis e restaurantes.

As interrupções da cadeia de abastecimento vão “correr a milha extra”

Depois de terem afetado inicialmente a indústria automóvel, as dificuldades das cadeias de abastecimento alastraram-se à maioria dos sectores, desde a indústria até à construção. Embora o tempo de regresso à normalidade continue a ser difícil de prever, parece que o consenso de um abrandamento gradual a partir da primeira metade de 2022 é excessivamente otimista e que as perturbações e a escassez de materiais são suscetíveis de continuar. Isto levou a Coface a baixar as suas previsões de crescimento do PIB em 2022 para vários países europeus, bem como para os EUA e a China.

Além disso, embora a recuperação continue, o número de insolvências, que é ainda muito baixo neste momento na maioria dos países, incluindo os Estados Unidos, a França e a Alemanha, deverá aumentar gradualmente em 2022, como já é o caso do Reino Unido.

Inflação, uma preocupação para todas as economias em 2022

O outro grande risco, a inflação, está a tornar-se cada vez mais importante, particularmente à medida que a recuperação dos preços das mercadorias continua, alimentada pela inércia do abastecimento a curto prazo e por tensões geopolíticas. Esta inflação está agora também a ser impulsionada pelos preços dos bens manufaturados em muitas economias, à medida que as empresas transferem os aumentos dos custos de produção para os preços ao consumidor.

Estes preços elevados de mercadorias estão a beneficiar os grandes vencedores habituais. Espera-se que a região do Golfo venha a registar um forte desempenho de crescimento em 2022. A Noruega

registou o seu maior excedente comercial de sempre, graças ao dinamismo das exportações de petróleo e gás. Finalmente, muitos países africanos, mesmo aqueles afetados por conflitos armados ou estrangimentos políticos, ainda beneficiaram dos preços elevados da energia, minerais, madeira e produtos agrícolas.

Nos Estados Unidos, a inflação e as questões relacionadas com a oferta amorteceram a dinâmica de recuperação. Embora se preveja que o crescimento do PIB permaneça sólido em 2022 (+3,7%), estes fatores continuarão a pesar na atividade. No 4º trimestre de 2021, a taxa de inflação anual atingiu 7%, o nível mais elevado em 40 anos. Em resposta a este aumento de preços, a Reserva Federal dos EUA tornou-se mais agressiva e induziu uma subida iminente da taxa, desencadeando restrições monetárias em alguns países emergentes.

Na Europa, as perturbações nas cadeias de abastecimento, combinadas com uma forte procura, levaram a um aumento dos preços de produção da energia. A Alemanha registou a inflação mais elevada em mais de 30 anos. A situação é mista no que respeita ao resto da zona euro: a inflação permanece relativamente moderada em França, enquanto que os preços subiram em Espanha. No Reino Unido, a inflação subiu para 5,4% e levou o Banco de Inglaterra a tornar-se o primeiro grande banco central a aumentar a sua taxa de juro em dezembro de 2021, antes de o fazer uma segunda vez no início de fevereiro.

O nosso cenário central continua a ser um cenário de inflação próxima do pico, o que irá atenuar à medida que os preços da energia e os estrangulamentos na cadeia de abastecimento forem diminuindo no segundo semestre do ano.

A inflação é suscetível de exacerbar as pressões sociais

Este acentuado aumento da inflação corre o risco de exacerbar as pressões sociais nos países emergentes e em desenvolvimento, que já tinham sido reforçadas pelo aumento da desigualdade associada à pandemia. Em África, os elevados preços da energia e dos alimentos, que pesam muito sobre as famílias, limitaram o consumo, ao ponto da insegurança alimentar e a pobreza terem aumentado. O apoio fiscal, já muito limitado no continente devido aos níveis da dívida pública, foi retirado e o desemprego é elevado na maioria dos países. África do Sul, Argélia, Angola, Moçambique, Nigéria, RDC, Zimbabué, Etiópia, Guiné e Tunísia são exemplos de países que sofrem pressões sociais crescentes, como resultado da crise.

China a ir contra a maré

O abrandamento da China aprofundou-se no quarto trimestre de 2021, com uma taxa de crescimento anual de 4,0%, o ritmo mais lento desde o pico da pandemia em 2020. A recuperação económica da China foi afetada pelo abrandamento do mercado imobiliário, pela continuação da estratégia "COVID zero", que pesou nas despesas das famílias, no fraco crescimento do investimento e na escassez de energia. Em 2021, o PIB chinês cresceu 8,1%.

Muito afetadas pela variante Delta no terceiro trimestre de 2021, as economias da Ásia-Pacífico recuperaram no final do ano. As economias do Pacífico recuperaram no final do ano, em consonância com a flexibilização das restrições. A maioria das economias da região tinha regressado aos seus níveis de PIB pré-crise no final de 2021, com as notáveis exceções do Japão e da Tailândia. No entanto, a recuperação contínua poderia aumentar as pressões inflacionistas, especialmente se os mercados de trabalho se tornassem mais restritivos.



CONTACTO MEDIA

COFACE PORTUGAL

Cláudia Mousinho: +351 211 545 400 – claudia.mousinho@coface.com

COFACE: FOR TRADE

Com 75 anos de experiência e a mais extensa rede internacional, a Coface é uma líder em seguro de crédito e serviços especializados complementares, incluindo o Factoring, a Recuperação de Créditos, Single Risk e os Serviços de Informação. Os especialistas da Coface trabalham ao ritmo da economia mundial, apoiando 50.000 clientes, distribuídos por 100 países, na construção de negócios dinâmicos e de sucesso em todo o mundo. A Coface ajuda as empresas na tomada de decisões de crédito. Os serviços e soluções do Grupo reforçam a sua capacidade de venda, protegendo-as contra os riscos de não pagamento, tanto no mercado doméstico como na exportação. Em 2020, a Coface empregou 4.450 pessoas e registou um volume de negócios de €1.45 bilião de euros.

Visite coface.pt

COFACE SA. is listed on Compartment A of Euronext Paris.
ISIN Code: FR0010667147 / Mnemonic: COFA